



**PANDEMIA DO CORONAVÍRUS**

Prefeitura estima que SP já teve 1,3 milhão de casos. Pág. A19 }

TIAGO QUEIROZ/ESTADÃO - 30/7/2014

# Formação médica deve mudar após a pandemia

Ideia é reforçar a importância da ciência na hora de estabelecer tratamentos

**Giovana Girardi**

Os desafios da pandemia de covid-19 e a polêmica em torno da prescrição, por muitos médicos, de drogas sem eficácia comprovada contra a doença devem resultar em algumas mudanças nos cursos de Medicina. A ideia é reforçar, nos futuros profissionais, a importância de se valer o conhecimento científico na hora de estabelecer tratamentos.

Relação que pode parecer óbvia, a Medicina e a ciência nem sempre andam de mãos dadas. O contraste entre dezenas de estudos científicos mostrando que a hidroxicloroquina não traz melhora para casos graves nem leves de covid-19 e a recomendação recorrente do remédio por alguns médicos tornou isso evidente.

Há um fator de pressão política e também dos próprios pacientes, como revelou reportagem do **Estadão** no último domingo, mas também há muitos médicos que prescrevem com

convicção, como alguns deixam claro em vídeos que se tornaram populares na internet e em sites que dizem falsamente haver um tratamento para a doença.

No Brasil e no mundo, entidades de classes e especialistas em educação médica começam a discutir aprimoramentos que talvez sejam necessários para deixar os futuros médicos mais adaptados para lidar com esse tipo de desafio.

“Não é só a hidroxicloroquina, mas a gente tem de insistir no desenvolvimento do pensamento crítico. É importante sempre pensar, refletir sobre o que está fazendo, não só em relação à prescrição de medicamentos. O ensino médico pós-pandemia vai ter de ser aperfeiçoado, e o mundo inteiro está discutindo isso. Os cursos de Medicina após a covid não devem ficar iguais, por melhores que fossem antes da pandemia”, afirma Milton de Arruda Martins, presidente da Comissão de Graduação da Faculdade de Medicina da USP.

Especialista em educação médica, Martins defendeu em



**Aulas.** Com adoção parcial de ensino remoto na pandemia, associação vê possibilidade de manter formato nas escolas

● **Instituições**

**289** é o número de escolas de Medicina distribuídas em território nacional, que ofertam 29,2 mil vagas, segundo dados de estudo de 2018 do Conselho Federal de Medicina (CFM).

eventos sobre o tema na semana passada – conduzidos pela Academia Nacional de Medicina e pelo Instituto Questão de Ciência – que o currículo passe por reformas para valorizar mais, entre outros pontos, a Medicina Baseada em Evidência.

Martins afirma se sentir intri-

gado que muitos médicos ainda prescrevam a cloroquina. “Precisamos entender se é um problema de formação ou de contexto. Provavelmente é uma coisa complexa, com um pouco de cada coisa, mas acho que tem de ser reforçado o papel da formação científica, de como as evidências sobre medicamentos se constroem e quando que um determinado medicamento tem suficiente comprovação para ser recomendado para a sociedade”, diz o médico.

**Sociedade.** Professor de Medicina Baseada em Evidências da Escola Bahiana de Medicina, Luis Cláudio Correia costuma brincar que seu sonho é o dia

que sua disciplina não seja mais necessária nas faculdades – porque toda a Medicina funcionaria dessa forma. Mas pondera que o problema não é só da cultura médica, mas da sociedade como um todo.

“O paradigma da Medicina Baseada em Evidências é bem reconhecido pela classe médica, mas é relativamente recente e ainda está em evolução. Numa situação como essa da pandemia, fica evidente que ainda é uma coisa sendo implementada. E é claro que o ensino pode ser aprimorado, ser mais enfatizado. Mas tem de ter também uma evolução cultural da sociedade. Um evolução em prol da racionalidade, contemplando a ciência co-

mo pilar importante na tomada de decisão”, defende.

Além de aumentar o foco no conhecimento científico, a pandemia deve promover outras mudanças no ensino de Medicina. A mais prática delas pode ser a adoção de modelos híbridos de ensino, com uma parte do curso a distância – algo que era impensável até antes da chegada do novo coronavírus.

“Com a suspensão das atividades presenciais, uma parte das escolas médicas adotou o ensino remoto. Isso nos trouxe aprendizados de que podemos ter uma parte da formação remota”, afirma Nildo Alves Batista, presidente da Associação Brasileira de Educação Médica.